



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Neubern, Maurício S.

Três Obstáculos Epistemológicos Para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica

Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 241-252

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814120>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Três Obstáculos Epistemológicos Para o Reconhecimento da Subjetividade na Psicologia Clínica

Maurício S. Neubern ¹
Universidade de Brasília

Resumo

No presente artigo, obstáculos epistemológicos são concebidos como formas de construção do pensamento na psicologia clínica que não integram a complexidade e as diversas condições dos processos subjetivos. O texto começa com uma contextualização do percurso do tema da subjetividade na ciência e na psicologia: de um espaço marginal em oposição à objetividade, a uma posição privilegiada em que é discutida como momento integrante da ciência. Contudo, neste momento a psicologia clínica se depara com grandes dificuldades, pois as influências da ciência dominante são pouco condizentes com a abordagem da subjetividade. Os obstáculos epistemológicos – o conhecimento geral e totalitário, as tendências patologizantes e as conclusões apressadas – são momentos de tais influências que tornam a subjetividade como objeto de estudo e, em consequência, opõem-se às exigências necessárias para a sua investigação. Sendo assim, buscam-se destacar suas principais características e possibilidades de superação de modo que se possam desenvolver novos caminhos para a implantação de uma forma de pensar e investigar coerentes com as condições da subjetividade. *Palavras-chave:* Obstáculos epistemológicos; epistemologia; subjetividade; psicologia clínica.

Three Epistemological Obstacles to the Recognizing of Subjectivity in Clinical Psychology

Abstract

In this article, epistemological obstacles are understood as a kind of thought construction that does not integrate the complexity and the different conditions of the subjective process. The text begins with an introduction about the history of the theme of subjectivity in both science and psychology. First, the subjectivity occupied a marginal place and it was seen as the opposite of objectivity, afterwards it became a central question, when it was recognized as an important moment to the construction of science. However, nowadays, clinical psychology faces huge difficulties, caused by the influences received from the dominant science that are not coherent with the approach from the subjectivity. The epistemological obstacles – the general and total knowledge, trends toward patologization and hurried conclusions – are examples of the influences that oppose the subjectivity as its potential as object of study, and, consequently, are opposed to the demands of this approach. This article aims to highlight the main features of those obstacles and the possibilities of correction so as to suggest more coherent ways of developing research on subjectivity.

Keywords: Epistemological obstacles; epistemology; subjectivity; clinical psychology.

O Problema da Subjetividade na Psicologia Clínica

O presente texto consiste em uma reflexão crítica sobre a contextualização da subjetividade na psicologia clínica. Desde o início da psicologia, a subjetividade foi considerada um problema. No entanto, ao longo do tempo, expressa-se como com

subjetividade social – que se dá em um determinado seu cenário de constituição.

das escolas e ramos dominantes da psicologia ainda se mantêm presos a cosmovisões onde ela é marginalizada e concebida como um risco ao procedimento objetivo.

Embora tal influência tenha ocorrido em todos os ramos da psicologia, deve-se ressaltar que a escolha da clínica para a discussão do tema não ocorre apenas devido à formação do autor. A natureza do trabalho clínico levou a uma contradição interessante pois permitiu, por um lado, a criação de conceitos e abordagens como alternativas interessantes para a subjetividade, mas ao mesmo tempo situou-se como empresa indigna da confiabilidade científica. Entende-se que, provavelmente, tal aspecto tenha contribuído para intensificar a exclusão da subjetividade na clínica, como para implantar concepções pouco condizentes com o espírito científico, como os obstáculos epistemológicos (Bachelard, 1985, 1996). Sendo assim, pretende-se destacar no texto que, dentre as inúmeras necessidades de reformulações epistemológicas para o reconhecimento da subjetividade, deve-se discutir, sob certos parâmetros, as características e possibilidades de superação desses obstáculos epistemológicos. Sua retificação pode apontar caminhos não apenas para um estudo científico da subjetividade, mas também posteriormente para uma forma de pensar científica na psicologia condizente com o estudo da mesma. Nesse sentido, a reflexão presente na clínica pode contribuir significativamente para a psicologia enquanto ciência.

O Percurso da Subjetividade na Psicologia: de Marginal a Desafio

A Subjetividade Como Processo Marginal na Ciência

Uma das primeiras questões presentes na reflexão epistemológica da atualidade é a relação entre a condição absolutista que a ciência ocupou no cenário das sociedades ocidentais e a cegueira sistemática que ela mesma desenvolveu sobre as possibilidades de análise de suas condições de surgimento. Por um lado, a empresa

processos históricos e sócio-culturais na construção da ciência. Uma vez que era o segredo de *como as coisas realmente são*, o científico não fazia sentido algum indagar questões implicadas, como as históricas (ser), culturais (que bases existem de cre para que fossem), sociais (como a decidiram para que fosse), dentre outras. Era preciso que tais dimensões fossem exteriores à construção científica, pois a e metodológica era uma condição ne sucesso.

Nesse sentido, a subjetividade humana a um duplo processo de exclusão, ora da construção do saber, ora como objeto é compreensível dentro do ponto de vista que o entrelaçamento de sentidos necessariamente históricos e contextuais em diversos momentos irregulares promoveram a subjetividade como um contra as pretensões de um saber cosmovisão onde a realidade é ordenada histórica e a metodologia deveria buscar que tais características do real fossem ret e sem interferências (Gonzalez Rey, 199 se refere às condições presentes na cons a subjetividade torna-se proscrita, pass reconhecida sua participação, mesmo seio das mais importantes descobertas enquanto objeto de estudo, tornou-se igu pois as múltiplas disjunções e re submeteram para enquadrá-la na v descaracterizaram-na por compl essencialmente subjetivos como as en ser concebidos por noções altamente suas condições: em alguns momentos universalismo que se sobrepõe ao sin são absorvidos nas relações neuro

possibilitou-se efetivar uma separação que foi determinante para o conhecimento no ocidente, sendo que, de um lado da divisão, encontrava-se a ciência com sua linguagem técnica e prosaica, com seu arsenal estatístico e lógico e os princípios isomórficos de conhecimento do real. Sob a égide da física, o estudo dos fenômenos naturais deveria ocorrer livre de quaisquer influências infundadas: só seria possível o estudo confiável de fenômenos como as reações químicas, os astros, e o corpo humano se ciências como a química, a astronomia e a medicina se divorciassem em definitivo de suas parceiras alquimia, astrologia e, no caso da medicina, de noções como fluídos e éters. Do outro lado da divisão, encontravam-se disciplinas como a filosofia, o direito, a teologia, as artes e um dos inimigos maiores do pensamento científico – o senso comum. De modo semelhante, neste outro lado tornava-se possível o conhecimento sobre o destino do homem, suas relações com o mundo, Deus, os deveres, a sociedade, dentre outros, numa linguagem com múltiplos meios de expressão, como a poesia, mas indigna de confiabilidade.

A psicologia, como boa parte das ciências sociais, nasce em meio a um considerável conflito, como se buscasse transpor as distâncias do abismo criado pelo paradigma dominante. Um de seus principais objetivos era o de se firmar enquanto conhecimento científico, o que perpassou de diferentes modos o surgimento da maior parte de suas escolas e áreas. Mesmo em escolas como a psicanálise, que promoveu importantes rupturas com a cosmovisão dominante (como no caso do resgate da constituição histórica) ou das escolas humanistas, que criticaram severamente as pretensões de controle, a influência do paradigma esteve presente no compromisso, explícito ou não, de um conhecimento confiável, distinto dos demais presentes no outro lado da divisão. Por outro lado, ao se propor ao estudo do humano (seja suas funções mentais, seu comportamento, seu psiquismo) ela buscará abordar problemáticas presentes do outro lado do abismo que

viu impelida ao silêncio em nome do saber – a subjetividade propriamente dita. É provável que a psicologia tenha sido uma das áreas que sofreram maior impacto com a ascensão do paradigma dominante, pois o psiquismo do próprio criador da psicologia não era objeto de estudo científico. Ao mesmo tempo, ao se alçar a senhor da natureza, com seus movimentos, ele jamais foi integralmente como objeto de estudo. Os aspectos subjetivos eram essencialmente ignorados para condições confiáveis de pesquisa. A cegueira dos sistemas de conhecimento em suas origens e condições apresentava-se com a interdição do auto-referencial científico, no sentido de um reconhecimento como momento fundacional da ciência.

Novas Possibilidades Para o Reconhecimento da Subjetividade: Ciência e Psicologia

No entanto, a partir da segunda metade do presente no atual século, abre-se uma nova perspectiva de investigação sobre as origens e condições de produção do conhecimento científico². Tal reflexão iniciou-se com o questionamento incisivo contra o paradigma dominante e nesse ponto Bachelard (1985), com seus trabalhos, marcos, e culmina com uma crítica profunda sobre as complexas condições de produção do conhecimento. De outro modo, a reflexão passa a considerar os pressupostos que o fundamento da ciência em várias facetas sócio-culturais. É nesse sentido que Morin (1999), ao analisar as condições da ciência, aponta para a necessidade de uma ciência com a realidade (por meio de técnicas e instrumentos) deve-se estabelecer uma gama considerável de metodologias e técnicas científicas (como os consensos e a validação dos dados).

Kuhn (1996) parecem trazer contribuições semelhantes, principalmente no tocante ao *comum* das comunidades em suas relações com o paradigma (a estrutura da comunidade, a constelação dos compromissos dos grupos e os exemplos compartilhados).

A pós-modernidade, a seu turno, traz reflexões de grande interesse para tais questões, em que a dimensão da linguagem ocupa um lugar central para a compreensão do subjetivo³ na construção do saber científico. Segundo Lyotard (1979), deve-se buscar compreender a ciência numa perspectiva de *jogos de linguagem* onde as regras sejam conhecidas e partilhadas pelos participantes. A discussão sobre a prova da prova, isto é, a discussão sobre os postulados axiomáticos não consistiria em um demérito para a ciência, uma vez que ela consiste em uma narrativa cujos resultados dizem respeito especificamente à seus jogos de linguagem e não a uma verdade transcendente. Contudo, a própria interação entre as múltiplas narrativas do cenário social traz uma implicação marcante para a ciência quanto à suas relações com o mundo social. A técnica, que permite maior eficiência da prova, não é regida por um critério de verdade, mas de performance, em que um maior *out put* (informações ou modificações obtidas) é exigido em função de um *in put* (dispêndio de energia) cada vez menor. Desse modo, num cenário capitalista, cria-se um elo recursivo entre técnica e riqueza, o que contribuirá para o crescimento progressivo de ambas. Ao mesmo tempo, a performance passa a ocupar um papel fundamental para a verdade (própria da narrativa científica, num jogo de linguagem denotativo) e para a justiça (em seu jogo prescritivo). Sendo assim, o pensamento pós-moderno traz uma visão com multiplicidade de saberes narrativos com pertinências específicas, ao invés da busca obsessiva da verdade única por métodos confiáveis. Ao mesmo tempo, aponta para relações importantes entre os jogos de linguagem presentes nessas narrativas.

Pode-se afirmar que na psicologia a influência pós-

construído na linguagem que permeia acompanhará a obra de diversos terapeutas (Kuhn, 1996; Anderson & Goolishian, 1988; Kaye, 1998; White & Epston, 1993). As importantes contribuições neste campo têm gerado severas críticas ao paradigma dominante presente na psicologia clínica. Contudo, as contribuições de grande relevância para a subjetividade, tais propostas para a influência simplificadora, em que não é a dimensão ontológica, mas apenas para os significados no seio das comunidades humano fica reduzido às construções linguísticas interativas. Desprezam-se, portanto, algumas importantes da construção do saber, como o real⁵, e as facetas múltiplas da subjetividade abarcam as tramas da linguagem e do social esgotam nelas. Baseados em críticas de autores como Mahoney (1991) e Gonzalez (1991), qualifico a influência pós-moderna numa perspectiva condizente com esses dois pontos.

Obstáculos Epistemológicos Como Erros e Possibilidades Científicas

Como se pode notar, o problema da psicologia sai gradativamente de uma posição marginal para uma posição central, onde suas questões são discutidas e suas relações com o conhecimento são debatidas. Por essas razões, compreende-se que a psicologia se alçada a uma nova posição uma vez que as questões de investigação passam a se delinear por uma perspectiva abrangendo um elo complexo e recorrente entre as condições que envolvem o conhecimento e o processo (individuais, sociais, míticas) de produção do conhecimento gerado (com seus objetos de conhecimento, principalmente). No entanto, é necessário acompanhar todo um processo de reflexão crítica em si mesma, de maneira que, trans-

das novas necessidades e contradições que a investigação aberta do real impõe, os erros epistemológicos do passado podem ser retificados num processo que dê abertura para o novo, a criação e a inventividade, tão caros ao *espírito científico* (Bachelard, 1985).

É nesse ponto que a psicologia clínica pode contribuir, inclusive a partir de uma reflexão atenta sobre os obstáculos epistemológicos. As grandes dificuldades presentes no cotidiano da clínica, decorrentes geralmente da natureza complexa da subjetividade e em grande parte subversivas ao pensamento dominante podem vir a ser sua grande virtude para a implantação de uma forma de pensar condizente com o espírito científico. A multiplicidade de dimensões complexamente articuladas ao longo de um processo histórico impõem a necessidade de um saber que possa dialogar com o real e suas resistências e pode se constituir em um aliado importante contra as patologias que enrijecem e cegam o conhecimento (Koch, 1981; Morin, 1990).

Os obstáculos epistemológicos referem-se, portanto, aos erros de pensamento que se contrapõem ao espírito científico e devem ser retificados para que o mesmo se implante. Porém, deve-se apontar que tais obstáculos geralmente se encontram presentes de três formas, comumente entrelaçadas, na práxis da psicologia clínica. Primeiramente, encontram-se nas limitações de abordagem dos pressupostos epistemológicos, comumente de origem empirista (Bercherie, 1986), diante das questões trazidas pela subjetividade. Embora Bachelard (1996) não tenha teorizado sobre este ponto, pode-se compreendê-lo como uma idéia condizente com sua noção de obstáculo, uma vez que boa parte das escolas de psicologia parecem cometer um erro fundamental ao construir seus objetos de estudo com base em cosmovisões originárias de outros campos de conhecimento (Anderson & Goolishian, 1996)⁶.

Em segundo lugar, encontra-se o próprio pensamento do pesquisador ou terapeuta que, imbuído de conceitos

destinada a um diálogo com o real, não se enquadra em um sistema doutrinário, dogmático, de cientificidade. Nesse sentido, a abordagem mais abrangente da dinâmica das comunidades científicas, incluindo as intersubjetivas, sociológicas, psicológicas, não cabe no escopo deste artigo. A psicologia pode fornecer inúmeros exemplos de como o espírito dos mestres é assassinado por dogmas e dogmáticos fiéis onde o pensamento crítico não pode facilmente encontrar espaço. Como afirma assertiva de Bachelard (1996), “a ciência só se pode amar o que se nega o passado negando-o, podendo contradizendo-o” (p. 309). A doutrinarização dos pensamentos científicos em um momento posterior à sua aprofundação com as próprias questões econômicas do cenário social, político e o próprio mercado *psi* em sua história.

Desse modo, o presente trabalho aborda nas duas primeiras formas acima mencionadas consideráveis informações sobre os obstáculos epistemológicos que se apresentam ao pesquisador. Isso não impede que sejam feitas referências ao terceiro obstáculo, como os obstáculos ao espírito científico, em erros fundamentais da subjetividade na construção do conhecimento científico. Especificamente, destacam-se os obstáculos na forma como o sujeito constrói o conhecimento ao mesmo tempo em que aponta para a sua retificação, caminhos esses que envolvem aspectos metodológicos, teóricos e filosóficos condizentes com o universo científico. Como (Gonzalez Rey, 1997, 1999; Morin, 1990), vez corrigidos, tais obstáculos podem ser apontados para passos iniciais na construção de uma abordagem mais abrangente da dinâmica das comunidades científicas, incluindo as intersubjetivas, sociológicas, psicológicas, não cabe no escopo deste artigo.

obstáculos serão analisados a partir de um breve relato de caso clínico, em que é possível denunciar sua presença.

O Caso Ademar Silveira

Ademar Silveira, 60 anos, alto funcionário de uma empresa, procurou os serviços de uma clínica onde havia encerrado há alguns anos uma psicoterapia. Alegou que os profissionais já o conheciam e que não gostaria de repetir novamente sua história. A princípio, ele apresenta uma queixa difusa, um mal estar muito ligado ao ambiente de trabalho, *cheio de armadilhas e falcatruas*, segundo ele. Porém, ao longo do trabalho, ele começa a perceber que muitas de suas decisões pareciam apontar para um caminho que ele mesmo pontuou da seguinte forma: *“tenho que dizer um sim a mim mesmo. Devo optar por qualidade de vida!”* Ademar foi aos poucos percebendo o tipo de conflito em que sua vida parecia se encontrar. Por um lado, um ambiente com muitas exigências e inimigos, que poderia lhe facultar maior ascensão profissional, mas que também era muito desgastante. Seus momentos de irritação eram taxados como loucura, fato de que seus rivais tiravam proveito. Por outro lado, Ademar pouco a pouco se apercebia de que já havia começado a buscar novas qualidades de vida e relação. Havia se tornado ao longo de sua vida, na família ou no trabalho, um homem rígido, decidido e comumente agressivo, apto a enfrentar as dificuldades. No entanto, determinadas decisões que havia tomado, dificultavam sua carreira profissional, mas ao mesmo tempo o poupavam de situações de conflito. Ele se aproxima mais do filho deficiente (por quem manifestou vergonha por muito tempo) atrasando-se em seus compromissos para levá-lo na escola. Passa a acompanhar mais de perto os projetos dos outros filhos, adotando uma postura distinta da punição habitual quanto aos mesmos.

Contudo, em certa ocasião, sua esposa Joana procura os profissionais da clínica manifestando grande preocupação. Ela relata que no domingo, o filho mais velho foi buscá-la em outro cômodo da casa afirmando

sentidos singulares. Dito de outro modo, a realidade em diferentes formas, absorvido, excluído o particular pelo geral. Consiste em uma herança metodológica em que as generalizações eram tidas como a expressão da cientificidade. Como a complexidade da realidade e a aparência do real, cabia ao cientista ir além das aparências, desvendar leis simples e universais (Santos, 1998). A psicologia qualificou tal influência da ciência, com noções muito propícias à construção de modelos como o individualismo e a natureza humana, que favoreciam considerável desvinculação da realidade social, cultural e histórica presentes na vida dos sujeitos. Nesse sentido, noções como a de tipos nosográficos do DSM IV (1995) ou a de traços de personalidade (Bergeret, 1988) são baseadas em leis, pois apontam para modelos transcendentais.

Um dos grandes problemas que se deparam com o obstáculo é que o esforço original de autodescoberta (1969) que buscavam uma relação em que o indivíduo fosse absorvido no geral (como quando se fala em o sentido dos sintomas) foi frequentemente substituído pelas perspectivas universais e absolutas, em que todos os motivos humanos conduziam a uma única ou outra, à sexualidade e que o núcleo da personalidade necessariamente ligado ao conflito era a base para constituírem alternativas de compreensão da realidade, temáticas relacionadas com a história de vida do sujeito, construída ao longo de múltiplos processos. Desse modo, a própria teoria tornou-se um instrumento de pensamento de investigadores e terapeutas, em vez de se constituir em uma fonte de referência para o diálogo com o diverso presente na realidade. Assim, constituiu-se em um sistema de imposição de valores e visões de mundo.

Os comentários e discussões dos profissionais sobre o caso de Ademar Silveira são ilustrativos quanto a isso⁸. A princípio, ele é considerado um neurótico obsessivo cujas defesas come-

Malgrado a utilidade de tais conceitos como forma de compreensão do problema, eles não deixam de se constituir como obstáculo epistemológico, principalmente pela postura intelectual em que se configuram. Primeiramente, o conflito vivenciado por Ademar, que aponta claramente para significações, sentidos e necessidades entre contextos e processos incompatíveis, é transposto para um modelo universal, onde impera a batalha entre as forças pulsionais e a interdição cultural. Logo, os contrastes envolvendo construções sobre as disputas com os colegas, as exigências da esposa e dos amigos e suas necessidades de *qualidade de vida* praticamente são diluídos ou subjugados por um esquema da natureza humana absoluta onde devem existir mecanismos que garantam defesas contra as ameaças inconscientes de ordem sexual. O mecanismo hidráulico de energias represadas e acumuladas sobrepõe-se à toda diversidade de possibilidades de conflito.

Nessas apreciações não se considera um problema essencial para a compreensão da subjetividade, que é a questão dos sentidos. Em momento algum, Ademar dá espaço para a interpretação apressada de que seus problemas estejam ligados a conteúdos libidinais e que estes mantenham uma oposição às interdições da cultura. Se a subjetividade implica em um jogo dialético entre o sujeito e o mundo social, logicamente suas necessidades derivarão de uma complexa construção originada dessa relação e não de uma oposição *a priori* entre duas dimensões. Os sentidos, portanto, devem ser interpretados em função do diálogo com o cenário subjetivo (individual e social) em que Ademar se constitui (Gonzalez Rey, 1997, 1999; Gergen, 1996). As necessidades, por sua vez, não obedecem a uma tentativa de superação da oposição contumaz ao recalque, mas a um processo de construção de novas qualidades relacionais e de significação, cujos obstáculos não necessariamente obedecem à descrição do recalque psicanalítico. No caso de Ademar, deve-se compreender que as múltiplas faces de sua subjetividade

Outro ponto que chama a atenção é a forma dicotômica em que as questões são situadas quanto ao racional e ao emocional. Se as expressões fossem destituídas de qualquer compreensão decorrente de uma experiência, conseguinte, a noção de que é mais fácil lidar com em contato com mais facilidade do que com as outras. Essa noção apressada não pode passar despercebida, pois as questões não são constituídas no seio de um processo, mas de um sentido conceber pessoas que não são capazes de interação com elas. Efetivamente, para alguns momentos da subjetividade, há maiores dificuldades de compreender sobre os processos emocionais, como no caso de Ademar, a frequência, como no caso de Ademar, indefinido (Neubern, 1999). Os apelos da simplificação para o processo alheio ao sujeito, mantivesse departamentos rígidos e hierárquicos.

Por outro lado, ainda há a questão da subjetividade que merece maior atenção. A subjetividade obedece a uma lógica configuracional (Gonzalez Rey, 1997, 1999) o que não compõe uma única cognição. Nessa lógica, as construções são sistemas que integram simultaneamente significação e emoção que permeiam os arranjos na trajetória do sujeito, os motivos, estados e sentidos configuracionais, o que permite a diversidade de momentos da subjetividade. Ademar, ao invés de se preocupar com as dificuldades para entrar em contato com o mundo, pode-se pensar a questão em termos de faces presentes na construção da subjetividade. A princípio, a subjetividade é ríspida e racional. Ademar de

momentos e circunstâncias de seu cotidiano, onde tais processos necessariamente estão presentes.

Finalmente, categorias como sentidos, configurações e emoções podem se constituir como universais, desde que não assumam um *status* transcendental e absoluto com os mecanismos já descritos de exclusão da subjetividade. É nessa direção que Bachelard (1996) aponta para a necessidade de um pensar inquieto diante do consagrado e do homogêneo:

“É assim que, em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar.” (p.21).

A psicologia clínica encontra, portanto, diante do obstáculo do geral totalitário um desafio considerável. A tendência à homogeneizar pessoas, formas de terapia, visões sobre problemas e mudança acarreta em consequências graves, intrinsecamente ligadas à exclusão da subjetividade. Vão desde a prescrição desenfreada de psicoterapias, sem a mínima reflexão crítica sobre suas indicações e limitações, a uma enorme parcela de sujeitos, em geral de classes desfavorecidas, para quem os procedimentos da psicologia clínica não fazem sentido algum. Contudo, é necessário que o problema seja refletido em outras dimensões⁹ que vão além do obstáculo epistemológico, mas que desenvolvem com ele intensa retroalimentação.

A Tendência Patologizante e Incapacitadora (Os Becos Sem Saída)

Tal obstáculo implica basicamente na determinação de uma visão de mundo em que as expressões do sujeito são compreendidas via-de-regra pelo prisma da patologia ou da incapacidade. De certa forma, costuma acompanhar vários momentos do sujeito conferindo-lhes

Aliada comumente ao conhecimento a tendência patologizante com muita envolvimento pelo determinismo. Uma vez que a personalidade se define (Bergere), a diversidade numerosa de sujeitos o faz classificar-se em neurótica ou psicótica ou ainda de uma dessas estruturas de base. A própria talvez como herança da metáfora do cristal é compreendida como um momento frágil de uma base estrutural doente. (1998) apontam que essa herança modula a base os pressupostos de que há uma base da patologia, localizada dentro de suas relações que podem ser diagnosticadas específicas, serem eliminados ou tratados. Os mesmos autores apresentam críticas às limitações dessas premissas, a desconsideração que dispensam às narrativas e as limitações que impõem sobre novas construções.

O homem doente torna-se, então, a realidade de avaliação das expressões múltiplas. Nesse sentido, encontra-se o problema, tal por Gergen e Kaye (1998), da imposição em que toda uma cosmovisão respaldada pelo científico vai se impondo sobre um conjunto de processos construídos ao longo de toda a imposição, ao mesmo tempo em que os processos de significação próprios do indivíduo diversas articulações em torno do que contribuem para sua construção e que podem denunciar a sabedoria que tal expressão patológica pode comportar (Anderson, 1988; Ausloos, 1995). O choro de Adão é de uma tentativa corajosa e sofrida de romper principalmente pela tentativa de reconhecer as qualidades relacionais importantes e incoerentes com seus contextos sociais.

dimensão fundamental na consideração da subjetividade: a construção do problema que está vinculada aos múltiplos sistemas subjetivos que se organizam em torno dele¹¹ (Neubern, 1999). Desse modo, ao se classificar o quadro de Ademar como *depressivo*, acentua-se comumente seu aspecto estrutural e o determinismo neurológico nele presente, mas descontextualiza-se seu sofrimento com respeito aos processos sociais e institucionais que necessariamente promovem a construção da *depressão* do sujeito. Perde-se mesmo a noção de poderosos mecanismos que ordenam tal construção, como aqueles presentes na própria determinação de visões de mundo (as expressões de choro, os rompantes de humor, as alterações do sono são indícios de depressão) ou ainda nas ameaças de retaliação social a que a fraqueza de Ademar está sujeita (como as ameaças dos colegas e de divórcio). Tais processos envolvem facetas diversificadas e amplas (Foucault, 1997; Goffman, 1999; White & Epston, 1993) e merecem estudos mais aprofundados, principalmente quanto à participação ativa do sujeito nessas construções.

Portanto, o estudo da subjetividade requer uma requalificação radical da tendência patologizante. Deve-se, por um lado, reconhecer as influências individuais e suas determinações sem, contudo, ceder à suas tentações absolutistas sob a forma do individualismo e do determinismo. Deve-se, por outro lado, reconhecer que a subjetividade não é essencial e estruturalmente doentia e que, qualquer abordagem sobre ela, deve necessariamente privilegiar seus cenários de sentido, de modo que seja possível uma visão aprofundada do sofrimento em seus múltiplos circuitos de construção. A complexidade envolvendo o problema subjetivo consiste em um desafio, pois a compreensão de suas múltiplas articulações pode permitir importantes redefinições e ativações de potencial (Ausloos, 1995). É nesse sentido que Morin (1983) fornece instrumentos para pensar a questão:

As Conclusões Apressadas

As conclusões apressadas são típicas da racionalização presente no pensamento científico (Morin, 1998), como também na construção de um fenômeno qualquer, cujas expressões são classificadas de modo mecânico em categorias e submetidas a contradições e problemáticas. Essas conclusões podem ser ameaçadoras e desafiadoras de forma mágica. Esse tipo de conclusão está ligado a múltiplos fatores, que incluem o poder científico de poder e controle, o poder oriundo do consumismo de ideias e a possibilidade de receitas práticas que podem ser aplicadas.

Apresentando-se muito interessantes e discutidos, as conclusões apressadas podem manifestar na clínica por meio de categorias e concepções *a priori* que se baseiam em um poderoso recurso à autoridade, descontextualiza quase que por completo as questões subjetivas que estão em jogo. Promovem uma cegueira seletiva que classifica o já conhecido e não leva em conta aspectos que se mostram distintos e estranhos diante das noções de sentido e do sentido do espírito científico (Morin, 1985): “Os conceitos e métodos do domínio da experiência; toda a ciência deve mudar ante uma experiência sobre um método científico sob uma circunstância, não descreverá a realidade do espírito científico.” (p.121)

Boa parte dos motivos que levam a ligar-se a um problema da psicologia que legou aos métodos clínicos, não só seriam condizentes com o reconhecimento da subjetividade fosse exclusiva da psicologia (Rey, 1996). Além disso, consideramos que a subjetividade é uma dimensão fundamental na consideração da subjetividade.

prático, ainda muito presentes na atualidade. No primeiro desses eixos, há a possibilidade da aplicação de recursos como o psicodiagnóstico que, calcado em procedimentos standardizados como os testes psicométricos e projetivos, é muitas vezes utilizado de modo estanque quanto ao processo terapêutico e comumente mais valorizados do que este. No outro eixo, encontra-se a psicoterapia, onde o saber consagrado dita regras de classificação e procedimento que, quando não afastam o terapeuta do contato aberto com as contradições e dificuldades da realidade dos pacientes, podam suas possibilidades criativas diante de tais problemas, principalmente se as mesmas se apresentam como subversivas ao pensamento dominante.

No entanto, há ainda uma dimensão marginal presente nas construções e intervenções de muitos clínicos que, embora não seja compreendida como possibilidade de pesquisa, contribui significativamente para os processos de mudança de seus pacientes. Tal dimensão comumente não é sistematizada em suas construções e muitas vezes não aparece como confronto explícito aos marcos teóricos de referência em que se baseiam. Contudo, parecem fazer considerável referência ao que Mahoney (1991) considera como *a novidade na psicoterapia*, um dos momentos fundamentais para a mudança, que não diz respeito a uma teoria transcendental e estabelecida, mas a um conjunto de habilidades que permitem ao terapeuta construir, em diferentes níveis, sobre dimensões essenciais desse processo, como o vínculo, a comunicação, o acontecimento, a criação e as vivências subjetivas, onde as emoções desempenham papel central.

Esse conjunto de obstáculos, intrínsecos ao conhecimento institucionalizado, propicia a adoção das conclusões apressadas basicamente de dois modos. Além de fornecer um conjunto de noções standardizadas e respaldadas, não legítima, como momento da pesquisa, as construções que o terapeuta necessita realizar em seus momentos empíricos. O espírito científico é condenado

profissional. Tal perspectiva, ao situar a geração de pensamento, rompe a dicotomia entre a clínica e a pesquisa. Entretanto, deve-se reconhecer a subjetividade do conhecimento e não implicar em um subjetivismo absoluto. Qualquer rigor metodológico, mas a abertura para os processos de mudanças epistemológicas e de conhecimento (objetivado em muitos de seus aspectos) onde seja possível assumir a participação

Conclusão: Reconhecer a Subjetividade e Implica em Utopias

O reconhecimento da subjetividade na prática clínica, como para a ciência, possui implicações. Os obstáculos epistemológicos são apenas alguns. A discussão remete a um universo mais amplo que não caberia discutir aqui (Gonzalez, 1998; Morin, 1998; Neubern, 1999). Por outro lado, de conclusão, destaca-se que reconhecer a subjetividade humana como ponto central na construção do conhecimento implica em uma discussão sobre sua participação como objeto de estudo e como momento fundamental do espírito científico.

Como objeto de estudo, a subjetividade implica em um conjunto de noções fundamentais sobre o saber aberto e mentalidade de investigação. O apelo persuasivo ao espírito científico e suas características remetem-na como objeto de um complexo que procura articular dimensões opostas no pensamento psicológico (Gonzalez, Morin, 1996). No entanto, embora tal perspectiva assumida em termos ontológicos, ela não é absoluta, pois isso implicaria em novas perspectivas e universalistas, pretensamente capazes de as únicas de homem e formas também únicas. É interessante observar que muito mais do que absoluta e substancializada de um objeto isolado, o que se busca é basicamente

para tanto há condições macrosociais que a favorecem. No entanto, longe de consistir em um *ponto morto* como assevera Gergen (1996), o sujeito consiste em um momento imprescindível nessa compreensão, capaz de promover rupturas nas grandes estruturas do paradigma (Morin, 1998).

No caso da psicologia clínica, a sua pluralidade, atestado de ilegitimidade científica na visão dominante, pode vir a consistir em ponto favorável ao espírito científico. A diversidade de visões pode favorecer muitos guetos onde as determinações do paradigma não alcançam ou são mais frágeis, o que possibilita a construção de alternativas. Em termos da construção da subjetividade como objeto complexo, a pluralidade de vozes pode contribuir significativamente para sua compreensão como *Unitas Multiplex* (Morin, 1996, 1998; Neubern, 1999). Nesse ponto, uma das principais funções do espírito científico é a possibilidade de qualificar as diversas contribuições, num processo que permita uma forma radicalmente distinta e complexa de pensar. Porém, embora o sujeito não necessite de sistemas de conhecimento abertos à integração para possibilitar o espírito científico, para um pensamento articulador devem ser cogitadas mudanças simultâneas em níveis mais amplos onde o diálogo possa se construir entre escolas distintas. Esse é um grande desafio, pois os sistemas de idéias em geral são autocêntricos e intolerantes com pensamentos distintos. Portanto, uma primeira utopia que envolve o espírito científico, é uma democracia de idéias, onde o diálogo seja possível para construir sobre a subjetividade, malgrado todas as antipatias, turbulências e conflitos que a democracia também comporta (Neubern, 1999).

Por fim, a empresa desse texto traz à tona a necessidade de um compromisso efetivo com uma nova noção de psicologia e de clínica. A ciência não consiste em um *conhecimento*, estático, substancializado e universal, mas na possibilidade de um *conhecer* em que as respostas ainda não foram dadas e, quando o forem, permitirão a criação

concorrem intensamente para a construção de uma nova subjetividade. Seja bastante incomum no cenário científico, o cientista possa sonhar com a possibilidade de uma base do espírito científico. A segunda utopia: uma postura de abertura ao próprio conhecimento, para que ele também se constitua em conhecimento.

Referências

- American Psychiatric Association (1995). *Transtornos mentais – DSM IV* (D. I. Medeiros, Trad.). Rio de Janeiro: Medícias. (Original publicado em inglês em 1994).
- Andersen, T. (1996). *Processos reflexivos* (C. Dornelles, Trad.). Rio de Janeiro: Noos/Itf. (Original publicado em inglês em 1994).
- Anderson, H. & Goolishian, H. (1988). *Family process systems: Preliminary and evolving clinical theory*. *Family Process*, 27, 37-50.
- Anderson, H. & Goolishian, H. (1996). *Processos familiares: Teorias e práticas pós modernos na psicoterapia*. Em H. Anderson & H. Goolishian (Orgs.), *Paradigmas, cultura e subjetividade* (J. H. Goolishian, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em inglês em 1994).
- Ausloos, G. (1995). *La compétence des familles*. (J. H. Goolishian, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em francês em 1994).
- Bachelard, G. (1985). *O novo espírito científico*. (J. H. Goolishian, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Original publicado em francês em 1984).
- Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico*. (J. H. Goolishian, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Original publicado em francês em 1994).
- Bercherie, P. (1986). *Los fundamentos de la psicología*. (J. H. Goolishian, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em espanhol em 1985).
- Bergeret, J. (1988). *Personalidade normal e patológica*. (J. H. Goolishian, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em francês em 1987).
- Freud, S. (1969). *Conferências introdutórias*. (J. Salomão, Org.), *Edição Sigmund Freud*. (Vol. 22). Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional. (1937)
- Foucault, M. (1997). *Resumo dos cursos do ano 1970-1971*. (J. H. Goolishian, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em francês em 1971).
- Gergen, K. (1996). *Realidades e relações*. (C. Dornelles, Trad.). Rio de Janeiro: Noos/Itf. (Original publicado em inglês em 1994).
- Gergen, K. & Kaye, J. (1998). *Além da terapia: A construção da subjetividade*. (C. Dornelles, Trad.). Rio de Janeiro: Medícias. (Original publicado em inglês em 1997).
- Goffman, E. (1999). *Manicômios, prisões e prostituição: Uma perspectiva*. (J. H. Goolishian, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto. (Original publicado em inglês em 1994).
- Gonzalez Rey, F. (1996). *Problemas epistemológicos da psicologia*. (J. H. Goolishian, Trad.). Rio de Janeiro: Medícias. (Original publicado em espanhol em 1995).
- Gonzalez Rey, F. (1997). *Epistemología cultural y Educación*. (J. H. Goolishian, Trad.). Rio de Janeiro: Medícias. (Original publicado em espanhol em 1996).

Neubern, M. (1999). *Fragmentos para uma compreensão complexa da terapia familiar: Diálogos epistemológicos sobre as emoções e a subjetividade no sistema terapêutico*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Brasília, D.F.

Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.

Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós moderna*. São Paulo: Graal White.

White, M. & Epston, D. (1993). *Medios narrativos para fins terapêuticos*. Paidós.

Sobre o autor:

Maurício S. Neubern é Doutorando em Psicologia pela Universidade de Brasília - D.F.